

## MEMÓRIAS DO CÁRCERE E A VOZ DOS PRISIONEIRO: UMA AMOSTRA DE LUTA CONTRA A EXCLUSÃO SOCIAL

Joselaine Brondani Medeiros – Mestranda (UFSM)  
Rosani Ketzer Umbach – Orientadora (UFSM)

Desde a colonização, quando os portugueses impuseram a sua cultura e os seus costumes, os índios, vistos como nômades ou “impuros”, por não terem a mesma cultura e a mesma religião dos brancos (a religião católica) foram menosprezados, dizimados e, consequentemente, esquecidos no contexto social. Assim como eles, no decorrer da História e dos acontecimentos, vários grupos tornaram-se marginalizados como, por exemplo, os negros, as mulheres e os prisioneiros.

Em todas as fases - do Período Colonial, passando pelo Império, pela República até a atualidade - a sociedade sustentou-se pisando e/ou esmagando determinados segmentos sociais, que acabaram ficando soterrados. Isso ocorreu e ainda continua ocorrendo porque a sociedade brasileira nasceu e amadureceu sob a égide do conservadorismo e do autoritarismo. Afinal, segundo Martins<sup>1</sup>, na sociedade brasileira, “as transformações sociais e políticas são lentas, não se baseiam em acentuadas e súbitas rupturas sociais, culturais, econômicas e institucionais. O novo surge sempre como desdobramento do velho”.

Nesse contexto, muitos intelectuais, arraigados a valores morais e tradicionais, mantiveram essa estrutura de exclusão por justamente a cultura estar concentrada em suas mãos, possibilitando, desse modo, um mascaramento da realidade. Outros, porém, tentaram dar voz a essas classes descaracterizadas, inaudíveis, ou seja, reprimidas socialmente.

O autor Graciliano Ramos pertence à corrente que tenta mergulhar no submundo dos grupos oprimidos, tanto que, no plano da representação, cria “Fabianos”, “Madalenas” e “Gracilianos”. Em **Memórias do Cárcere**<sup>2</sup>, o narrador relata a sua experiência de preso polí-

---

<sup>1</sup> MARTINS, José de Souza. *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: Hucitec, 1994 p. 30.

<sup>2</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere* 31. ed. São Paulo: Record, 1994 v. 1 v. 2.

tico em 1936, durante o governo de Getúlio Vargas, subsistindo às atrocidades e à condição subumana, sobretudo no porão do Manaus (navio que o transportou para o Rio de Janeiro) e na Colônia Correcional, lugares degradantes, onde os presos misturam-se à sujeira e a excrementos (vômitos, fezes e urina). Além disso, ele testemunha muitos presos sendo aviltados, desmoralizados, enfim, perdendo a dignidade, tornando-se frangalhos ou farrapos humanos por estarem submetidos à força de uma muralha, chamada prisão e de homens de pedra, os policiais. Em muitos momentos, as angústias, as incertezas e a dor dos prisioneiros sobressaem; a prisão desvenda-se e é sinônimo de violência física e pressão psicológica. À medida que emergem essas barbáries praticadas pelos representantes do Estado em nome da conservação da “ordem e dos bons costumes”, pode-se depreender que o narrador caminha em direção à crítica social e à denúncia.

Em outros momentos, o narrador conversa com presos, ouve as suas histórias, aprende o sentido da amizade, da doação e da vida com eles. O próprio narrador salienta que era preciso descer ao submundo para aprender a valorizar e, até mesmo, confiar nos outros. Mostra, por isso, os presos como gente, com sentimentos, com incertezas e com esperanças e não como indigentes ou animais, como comumente eram tratados pela sociedade. Na obra há, então, mesclas de denúncia e crítica social de uma fase da História brasileira – a década de 30 – e exemplos de vida, a partir do convívio do narrador com pessoas, na maioria das vezes, simples e sem respaldo político.

A prisão, para o narrador, é envolta em sombras, é como uma caçada de gato e rato, uma tocaia cheia de mundéus. Lá ele efetua uma “descida” gradual no abismo e, cada patamar, é mais um degrau para as trevas. A partir dos estudos feitos pelo sociólogo Sérgio Adorno<sup>3</sup> na década de 80, percebe-se que o ambiente mantém praticamente as mesmas características, uma vez que é um lugar onde se deve entrar e sair calado, pois se está sob o domínio do medo, tanto que Adorno<sup>4</sup> comenta que a prisão é como um “terreno movediço

<sup>3</sup> ADORNO, Sérgio. A prisão sob a ótica dos seus protagonistas. *Revista de Sociologia - USP*, São Paulo, 1991.

do medo, tanto que Adorno<sup>4</sup> comenta que a prisão é como um “terreno movediço cujo abismo é logo ali”. Por colocar barreiras entre o preso e o mundo externo, de acordo com Goffman<sup>5</sup>, essa instituição acaba ocasionando a mutilação do eu. Isto é, o eu do prisioneiro é sistematicamente mortificado, ocorrendo uma espécie de ruptura com o passado. Ao se transportar para o passado, sabe-se que lá repousa a vida civil do preso, sua história, seu trabalho, sua família. Então, é como se ele fosse despojado de si e de tudo que o completa, que o identifica.

A prisão é uma organização racional, conscientemente planejada, como se fosse uma máquina para “triturar” o ser humano. As relações de poder são reveladas, os fortes, representantes do governo, mostram as garras afiadas, acham-se no direito de subjugar e maltratar os fracos, ou seja, os presos. A luta é desigual, pois o forte tem todo um aparato político, ideológico do seu lado e o usa indiscriminadamente. O forte domina o fraco; fazer o fraco sofrer torna-se uma forma de mostrar e, até mesmo, assegurar esse poder. Assim, o corpo “está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitando-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais”<sup>6</sup>.

Em **Memórias do Cárcere**, alguns fatos mostram até que ponto pode chegar a degradação do ser humano, como quando Nunes Leite chora como criança diante dos soldados e quando Guerra, acometido por um acesso de terror, urina e treme, como se tivesse tendo uma convulsão, querendo a presença da mãe. Como se sabe, a sociedade tem raízes patriarcais e machistas, o homem vê-se obrigado a reprimir determinados impulsos, como chorar, demonstrar sentimentos; o bacharel Nunes Leite chora, o dentista Guerra urina e chama a mãe, coisas aparentemente inaceitáveis numa sociedade que prima por tais valores morais. O pavor, o medo, a loucura os denegrem. Os homens, desse modo, transformam-se em trastes.

---

<sup>4</sup> ADORNO, Sérgio. Op. Cit. p. 25.

<sup>5</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômio, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997 p. 28.

Nunes Leite se encolhia, isento de pensar (...) um pobre vivente cheio de pavor. Ouvira falar decerto em fuzilamento, sentira as balas penetrarem-lhe a carne trêmula, o desmaiado coração. Agora, envolto em fria mortalha de medo, perdera a consciência, era fantasma choroso e automático, sem dignidade<sup>7</sup>.

O narrador como se tivesse com um binóculo, focaliza várias situações, como essas que mostram o ser humano em condições degradantes. A vida na prisão é desnudada e se resume em sofrimentos e humilhações. Os presos, diante do sistema, não têm voz, valem tanto quanto as bagagens trazidas ou as mercadorias a que se misturam. Eram pó, que, com apenas um sopro, diluíam-se. A ida à Colônia Correcional, por exemplo, é a comprovação de que o forte vence o fraco, de que o poder triunfa. Lá a reificação se consuma, o homem não tem valor, não tem mais nome, a sua identidade passa a ser um número. Diante disso materializa-se a deterioração da identidade social.

A ditadura e o ambiente sórdido tornam os presos incapazes de se articular enquanto sujeito. Torna-os seres, que, apesar da repugnância, tapam-se com trapos cobertos de hemoptises, que morrem sem atendimento médico a tremer de febre e de dor, pedindo injeções de morfina e que apresentam manchas pelo corpo, feridas abertas a jorrar sangue preto, cobertas de moscas.

Homens de calça arregaçada exibiam as pernas cobertas de algodão negro, purulento. As mucuranas haviam causado esses destroços (...). Na imensa porcaria, os infames piolhos entravam nas carnes, as chagas alastravam-se, não havia meio de reduzir a praga. Deficiência de tratamento, nenhuma higiene, quatro ou seis chuveiros para novecentos indivíduos. Enfim não nos enganavam. Estávamos ali para morrer.<sup>8</sup>

Pode-se dizer que o narrador, ao mesmo tempo, desmascara o Estado e seus representantes, que tentam, a qualquer preço, subjugar os presos, tornando-os “cegos e mudos” e relata as frustrações e ansiedades dos detentos, que, apesar desse ambiente sórdido, revelam os seus sentimentos. Na Colônia Correcional, o narrador conhece Gaúcho e Cubano, dois de-

---

<sup>7</sup> RAMOS, Graciliano. *Op. Cit.* p. 100 v.1.

<sup>8</sup> RAMOS, Graciliano. *Op. Cit.* p. 73-4 v. 2.

tentos que, com o convívio passam, a merecer o respeito e a admiração dele. Quando é apresentado a Gaúcho, gosta do seu jeito sincero e espontâneo, “a firmeza, a ausência de hipocrisia, a coragem de afirmar, tudo revelava um caráter”<sup>9</sup>. Em decorrência disso surge a amizade, “à noite Gaúcho ficava uma hora de cócoras, junto a minha esteira, a divagar por numerosas aventuras”<sup>10</sup>.

Com relação a Cubano, o narrador passa a vê-lo como uma espécie de protetor, de “salva-vidas” em meio à lama, pois, em muitos momentos, estava ao seu lado, fazendo-o ingerir alimentos para que não enfraquecesse em demasia ou, simplesmente, cuidando dele. Cubano tem um bom coração e a sua maneira (usando a força) demonstra os seus sentimentos, principalmente quando o narrador não quer almoçar. “Perdoe-me. Eu não posso deixar o senhor morrer de fome. Vai à força. E agarrou-se comigo, em uma luta desigual, absurda”<sup>11</sup>. Cubano, de acordo com o narrador, é “uma criatura esquisita, empenhada constantemente em nos prestar algum serviço, obrigando-nos às vezes a aceitá-lo à força”<sup>12</sup>. A solidariedade de Cubano faz com que o narrador passe a acreditar mais no ser humano. O preso é revelado como um homem com sentimentos, independente de ser culpado ou não por determinado crime ou transgressão. Também rompe com o rótulo de que preso está intimamente associado a um ser nocivo ou mau.

Depois dessa experiência na Colônia Correcional, onde se dá o ápice da degradação do ser humano, o narrador é transportado para a Casa de Correção. Lá tem oportunidade de conviver com Paulo Turco, um sírio, que provavelmente tinha sido condenado a mais de vinte anos de cadeia. Um fato curioso novamente o faz acreditar no ser humano: às sextas-feiras ele recebia a visita de duas meninas e lhe entregava dinheiro.

---

<sup>9</sup> RAMOS, Graciliano. *Op. Cit.* p. 66 v. 2.

<sup>10</sup> RAMOS, Graciliano. *Op. Cit.* p. 94 v. 2.

<sup>11</sup> RAMOS, Graciliano. *Op. Cit.* p. 146 v. 2.

<sup>12</sup> RAMOS, Graciliano. *Op. Cit.* p. 103 v. 2.

Mais tarde explicaram-me a relação curiosa (...). Num dos periódicos regressos à vida, o sírio pintava portas ou caiava muros quando uma preta velha se chegara a ele e pedira esmola. O homem dera-lhe cinco mil-réis: era o que tinha. No dia seguinte a mendiga voltara acompanhada por duas netas, uma de três e outra de quatro anos. Fizera nova colheita, habituara-se. E finda a caiação ou pintura, as pobrezinhas tinham ido avistar-se com o protetor na Casa de Correção<sup>13</sup>.

Diante desse fato, o suposto bandido conquista a confiança do narrador, que passa a se questionar como “um vivente nocivo capaz de matar, roubar, sacrificava-se para manter e educar pessoas encontradas por acaso, muito diferentes dele”<sup>14</sup>. A ação generosa praticada por Paulo Turco fazia com que o narrador se perguntasse mais uma vez “se a virtude singular não compensava as faltas anteriores. Uma dúvida me torturava: se Paulo turco se libertasse, praticaria novos crimes ou buscaria ofício honesto para sustentar os pobres”<sup>15</sup>. Por isso não se pode julgar pela aparência, sem conhecer as pessoas, sem ouvi-las, sem saber as suas origens e a sua história.

Essas histórias muitas vezes não são conhecidas, pois quando se fala de prisão os depoimentos expostos na maioria das vezes são sob o ponto de vista dos vencedores, ou seja, tem-se conhecimento do que ocorre no interior das prisões pelos depoimentos ou pelas entrevistas dos chefes militares, dos generais e dos policias. Sem dúvida, é uma história incompleta e parcial, porque expõe uma versão dos acontecimentos. Essa versão, entretanto, é tida como a única e a verdadeira. Quem se atreve a mostrar a outra história, a dos oprimidos, não consegue respaldo socialmente.

O autor Graciliano Ramos, de certa forma, ousa ao fazer o relato do cárcere, ao trazer a tona o submundo carcerário, porque mostra não só o ambiente semelhante a um curral, onde o ser humano é animalizado, não podendo nem mesmo pensar, como também expõe o drama dos prisioneiros, que são como “riachos a gemer no escuro”. Nas entrelinhas, deixa claro que o Estado é complexo, sendo agente de repressão e monopolizador da memória cultu-

<sup>13</sup> RAMOS, Graciliano. *Op. Cit.* p. 248 v. 2.

<sup>14</sup> RAMOS, Graciliano. *Op. Cit.* p. 248 v. 2.

<sup>15</sup> RAMOS, Graciliano. *Op. Cit.* p. 248 v. 2.

ral. Deixa claro também que os presos não podiam se defender, opinar ou simplesmente viver. Eles não tinham lugar na sociedade, eles não eram ninguém. Eram homens mortos. Portanto, parece lícito afirmar que, na obra, há uma amostra de luta contra a exclusão social, por representar a realidade, às vezes, negada ou esquecida e por representar a voz dos presos, que chamam por justiça, por compreensão e por oportunidades.